

PROJECTOS PROJECTS

Tudo o que não escrevi

Miguel Alarcão
(NOVA FCSH/CETAPS)

Como é de imediato perceptível, o título escolhido para a apresentação sumária dos projectos seguintes toma de empréstimo o de uma obra, de cariz diarístico, de Eduardo Prado Coelho (1944-2007).¹

A aproximação da idade da aposentação leva-me a partilhar aqui, de forma aberta, alguns projectos de investigação, de extensão, relevância, fundamentação e exequibilidade científicas decerto variáveis, que me foram ocorrendo ao longo dos anos, mas que, por este ou aquele motivo, ficaram por cumprir. Ainda que possa participar num ou noutro, desejo sobretudo que eles possam inspirar ensaios (ou mesmo dissertações) a colegas mais jovens, habilitados e criativos. Aqui ficam, pois, dez propostas para o(s) próximo(s) decénio(s):

1) Considerando as relações de interacção e complementaridade entre a palavra e a imagem na cultura medieval,² ocorreu-me em tempos comparar o “Prólogo Geral” dos *Contos de Cantuária*, de Geoffrey Chaucer (séc. XIV), e os Painéis de S. Vicente de Fora, de

1. *Tudo o que não escrevi*. Porto: Edições ASA, vol. I, 1991-92; vol. II, 1992-1994.

2. Para o estado da arte, cf., por exemplo, Michael Camille, *Image on the Edge. The Margins of Medieval Art*. London: Reaktion Books, Ltd., 2012 (1992) e William J. Diebold, *Word and Image. An Introduction to Early Medieval Art*. Boulder, Colorado e Oxford: Westview Press, 2000.

Nuno Gonçalves (séc. XV). Para além da representação artística de personagens oriundas de diferentes estados ou ordens socioprofissionais tardo-medievais, uma contraposição semiótica permitiria ou não confirmar o eventualmente maior ‘dinamismo’ verbal da literatura (amplificado, neste caso, pela mobilidade inerente a qualquer peregrinação), face ao relativo ‘estatismo’ visual da pintura?

2) No ensaio que dediquei a um texto quatrocentista (*Libel of English Policy*), quando da realização do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses (2001),³ interpretei o elogio do autor anónimo aos portugueses como o resultado, pelo menos em parte, da hostilidade e aversão aos borgonheses, após o termo da aliança ducal com a Inglaterra e a celebração da paz com Carlos VII (Arras, 1435). A condição da Infanta D. Isabel como, por um lado, a então Duquesa de Borgonha,⁴ mas, por outro, filha única da inglesa D. Filipa de Lencastre e de D. João I, justificaria mais investigações especificamente anglo-portuguesas sobre o eventual papel desempenhado pela Infanta de Avis nessa importante viragem político-diplomática, comercial e militar.⁵

3) Em artigo publicado, há alguns anos, nesta mesma revista, abordei a alegada ‘anglofilia’ de Júlio Dinis (1839-1871);⁶ em contrapartida, e partindo, por exemplo, do estudo de Helder Macedo,⁷ teria

3. “*They bene oure frendes wyth there commoditez (...)*”: uma retórica da amizade? Uma amizade retórica?” *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses* (Lisboa, 6-8 Maio 2001). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, 2001 [sic; 2003], pp. 645-652. Disponível em <<http://run.unl.pt/handle/10362/15092>>.

4. Após casamento (1430) com Filipe III, ‘o Bom’ (1396-1467), do qual foi a terceira esposa.

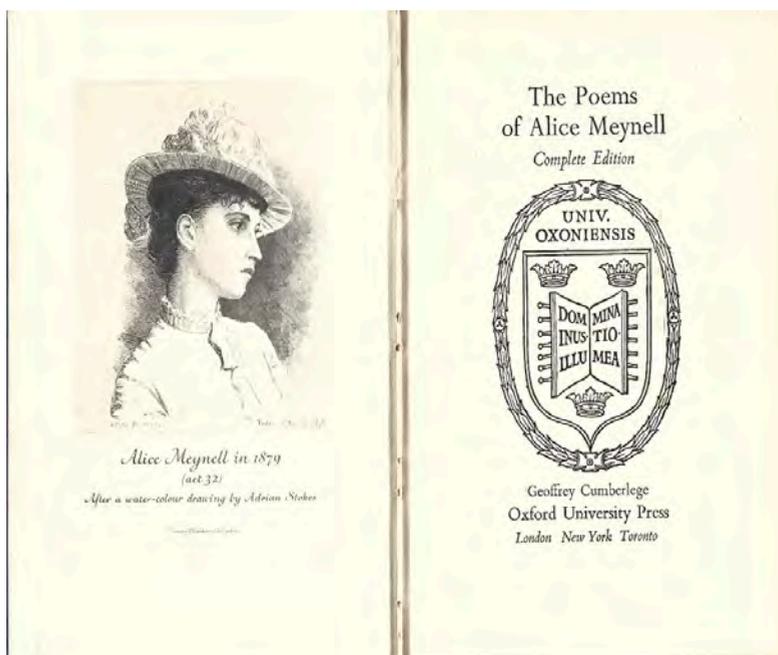
5. Consultem-se, entre outras obras, Aline S. Taylor, *Isabel of Burgundy. The Duchess Who Played Politics in the Age of Joan of Arc, 1397-1471*. Lanham/New York/Oxford: Madison Books, 2001; Daniel Lacerda, *Isabel de Portugal Duquesa de Borgonha. Uma mulher de poder no coração da Europa medieval*. Tradução de Júlio Conrado. Lisboa: Editorial Presença, 2010 (*Isabelle de Portugal – duchesse de Bourgogne*. S.l.: Éditions Lanore, 2008) e Felipe Parisoto, *D. Isabel de Portugal, Ínclita Duquesa da Borgonha (1430-1471), Diplomata Europeia do Século XV. Contributo para uma bibliografia crítica*. Dissertação de Mestrado em História da Idade Média apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011.

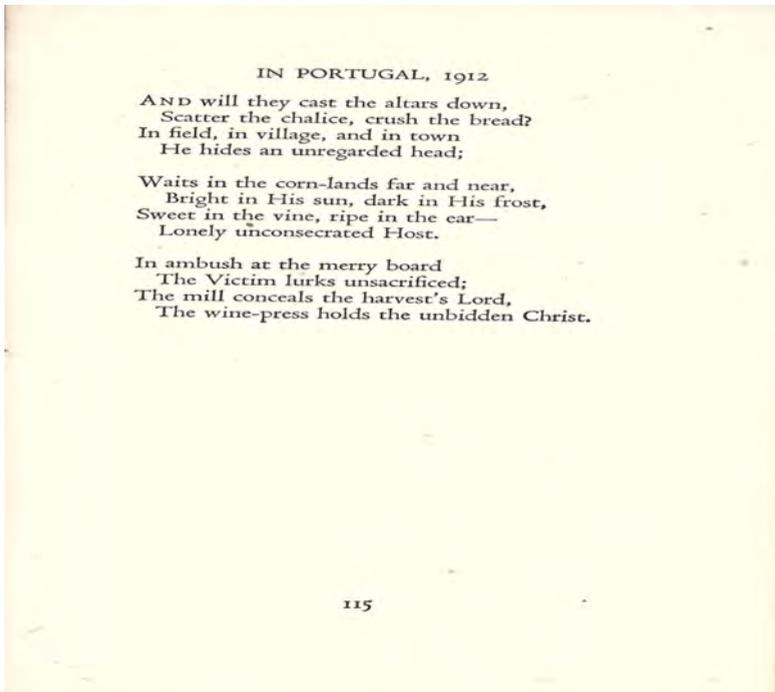
6. “Júlio Dinis anglófilo? Interrogações, perplexidades, desafios”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses/ Journal of Anglo-Portuguese Studies*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, n.º 25 (2016), pp. 201-228.

7. *Nós – Uma Leitura de Cesário Verde*. 2.ª ed. Lisboa: Plátano Editora, col. “temas portugueses”, n.º 4, 1975.

interesse e faria sentido reflectir-se sobre uma eventual 'anglofobia' de Cesário Verde (1855-1886). Curiosamente, o romancista portuense e o poeta lisboeta, quase contemporâneos, têm em comum as mortes prematuras (31 anos), histórias familiares de doença e o carácter precursor das suas obras: Júlio Dinis anunciando ou antecipando o Realismo e Cesário Verde o Modernismo.

4) 2022 assinala o centésimo aniversário do falecimento de uma poetisa inglesa, não muito conhecida, dos períodos vitoriano, eduardino e jorgiano: Alice Meynell (n. Barnes, Surrey, 1847 - m. Londres, 1922). Seguem-se reproduções do frontispício da obra na edição de 1947 (a original data de 1940) e do poema "In Portugal (1912)", publicado nesse mesmo ano em *The Tablet*:





5) Estudo comparativo das formações dos impérios português e britânico, bem como dos respectivos processos de (des)colonização. Aproveitando as comemorações, neste mesmo ano, do bicentenário da independência do Brasil (1822), poder-se-á, por exemplo, encarar a *Boston Tea Party* (1773) como o 'Grito do Ipiranga' das colónias norte-americanas face à Grã-Bretanha?

6) Estudo das repercussões editoriais em Portugal do envolvimento britânico nas duas guerras mundiais. Entre as obras publicadas sobre a Grã-Bretanha na primeira metade do século XX contam-se, por exemplo, as seguintes:

Baptista, Henrique. *As Instituições Inglêsas*. Porto: Companhia Portuguesa Editora, "Bibliotheca de Educação Intellectual", 1920.

- Correia, Araújo. *Grã-Bretanha na Paz e na Guerra*. 2ª ed. Lisboa: Editorial O Século, 1936.
- Campos, Com.te José Moreira. *A Invasão da Inglaterra através dos Tempos*. Lisboa: Livraria Portugália, 1940.
- Fazenda, Pedro. *Inglaterra. Estrutura Física e Mental*. Lisboa: Edições Gleba, col. "Cultura", [s.d.] [1943?].
- Assía, Augusto. *Os Ingleses na sua Ilha*. Tradução de Edmundo Motrena. Lisboa: Vida Mundial Editora, 1946.

Ou, as ligeiramente mais tardias,

- Olavo, Carlos. "Londres". *Homens, Fantasmas e Bonecos*. Lisboa: Portugália Editora, [s.d.] [1955]. 175-199.
- Amaral, Vasco Botelho de. *A Língua Inglesa e a Vida em Londres*. [s.l.]: [s.ed.], 1958.

7) A difusão da(s) cultura(s) popular(es) e juvenil(s) anglo-americana(s) em Portugal (1951-70).

Alguns amigos anglicistas mais velhos (vários deles *baby boomers*) têm-me confessado que foram atraídos para o estudo da língua e da civilização inglesas pela cultura popular dos anos 60, designadamente a musical. Falta, porém, uma maior exploração da década precedente sob o prisma específico da juventude,⁸ não só pelo objetivo e pela imagem de rejuvenescimento sinalizados pelo *Festival of Britain* (1951) e pela inauguração coetânea do *Royal Festival Hall*, mas também pela subida ao trono (1952) de uma jovem rainha (n.1926) e pela própria renovação das perspectivas teóricas e práticas de análise dos estudos de cultura, com Richard Hoggart (1918-2014) e Raymond Williams (1921-1988).⁹ Face ao interesse comum de ambos pelos meios de comunicação social, vale a pena lembrar que 1957, o ano de início das emissões regulares da RTP, é também

8. Cf., para os anos 60, o meu ensaio "Ten years that shook the world: representations of youth(s) in some musical hits from the British Sixties". *Gaudium Sciendi. Revista da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa*. Lisboa: SCUICP, n.º 13 (Dezembro de 2017), 57-66 (Web http://www2.ucp.pt/resources/Documentos/SCUICP/GaudiumSciendi/GaudiumSciendi_N13/09ma_Youth_13.pdf).

9. Autores, respectivamente, de *The Uses of Literacy* (1957) e *Culture and Society* (1958).

o da visita de estado de Isabel II a Portugal, de que existem registos audiovisuais e impressos ainda pouco explorados.

8) Enquanto Leitor de Português na Universidade de Birmingham (Setembro 1986 - Agosto 1989), tive o gosto de conhecer Maria Velho da Costa (1938-2020), minha homóloga no King's College, Londres. Além de co-autora das *Novas Cartas Portugueses* (1972), Maria Velho da Costa assinou também, entre outras obras, *O Mapa Cor de Rosa (Cartas de Londres)*.¹⁰ Se o título comporta, já de si, evidentes ressonâncias anglo-portuguesas, mercê das querelas de finais do século XIX, importa relacionar estas *Cartas* com outros exemplos e formas textuais da crónica e da epístola, nomeadamente os cultivados por Eça de Queirós (1845-1900),¹¹ Manuel Teixeira Gomes (1860-1941)¹² e Júlio Dantas (1876-1962).¹³ Caso se opte por alargar o *corpus* a obras lusófonas, uma possibilidade seria a de uma jornalista da Globo, Elsie Lessa (*Ponte Rio-Londres*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1984).

9) Filho de uma senhora inglesa e detentor de formação universitária britânica, Miguel Esteves Cardoso (n.1955) pauta muita da sua escrita por um fino sentido de observação e humor. Não obstante, permanecem por estudar as crónicas 'anglo-portuguesas', publicadas em livro (*A Causa das Coisas*, 1986)¹⁴ ou nos jornais, como, por exemplo, a coluna "Ecos de Oxónia e Cambrígia" no

10. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.

11. *Cartas de Inglaterra*, reunindo textos do período 1880-1882 e cuja 1ª edição, já póstuma (1905), se deve a Luís de Magalhães, e *Cartas de Londres*, publicadas originalmente no jornal *Actualidade* (1877-78) e coligidas em volume por Lopes de Oliveira e Câmara Reis (1940); algumas edições posteriores (1944 e 1970) viriam a adoptar o título de *Crónicas de Londres*. Agradecemos o pronto e gentil envio destes dados à Fundação Eça de Queiroz, na pessoa da sua Directora Executiva, Dr.ª Anabela Cardoso.

12. *Londres Maravilhosa*. Lisboa: Seara Nova, 1942.

13. *Cartas de Londres*. Lisboa: Sociedade Editora Portugal-Brasil, [1927].

14. Por exemplo, "Londres" (pp. 181-182).

*Expresso*¹⁵ ou o “Manual de sobrevivência para se poder ser português na Inglaterra”.¹⁶ Citamos desta última, em jeito de aperitivo, o seguinte passo:

Ser um português em Ilhas Britânicas não é tarefa cómoda. (...) A maneira mais fácil de se ser português é ser-se espanhol. A papa, aliás, está feita a partir do momento em que pés portugas pisam solo britânico. Um pouco como um galês ou um escocês que visita Portugal se vê aflito e ofendido para não ser inglês – é preciso uma grande quantidade de trabalho e de esforço físico para se poder ser aquilo que o nosso passaporte ou consciência nos assegura sermos. (*JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 2, 17 de Março de 1981, 11)

10) A reconstituição, cartografia e leitura da Lisboa anglo-portuguesa, a partir do levantamento e da interpretação justificativa das principais zonas de fixação e presença britânicas, está igualmente por fazer. Ainda que sem carácter sistemático ou exaustivo, registem-se os seguintes exemplos:

- Cais do Sodré: Tabacaria Inglesa, Tabacaria Britânica e British Bar,¹⁷ este último frequentado por José Cardoso Pires (1925-1998), e companhias de navegação, como, por exemplo, a James

15. Veja-se o seguinte exemplo, numa crónica sobre a presença de vocábulos de origem portuguesa na língua inglesa: “In the coconut-coloured Pagoda, the albino sat on the verandah, looking out at the indigo sky, while he ate his dinner: a grilled grouper, seasoned with fresh betel nuts, malagueta peppers and pimentos. He sipped his cocoa slowly, as he listened to the picaninnies playing with a cobra below. (...) Como se vê, sempre que qualquer inglês deseja dizer a outro que viu um albino sentado à varanda de um pagode a comer garoupa com pimentos e a beber cacau não tem outra hipótese senão recorrer à rica herança da língua de Camões.” (“A Quadragésima Semana”. *Expresso-Revista*, nº 622, 29 de Setembro de 1984, 7)

Segundo informações pronta e gentilmente prestadas pela Dr^a Alexandra Veiga, Arquivista do Grupo Impresa Publishing, a quem agradecemos, as restantes crónicas publicadas por Esteves Cardoso são: “A trigésima sexta semana”. *Expresso-Revista*, nº 618, 1 de Setembro de 1984, 7; “A Trigésima Sétima Semana”. *Ibidem*, nº 619, 8 de Setembro de 1984, 7; “A Trigésima Oitava Semana”. *Ibidem*, nº 620, 15 de Setembro de 1984, 7; “A Trigésima Nona Semana”. *Ibidem*, nº 621, 22 de Setembro de 1984, 7; “A Quadragésima Primeira Semana”. *Ibidem*, nº 623, 5 de Outubro de 1984, 7; e “A Quadragésima Segunda Semana”. *Ibidem*, nº 624, 13 de Outubro de 1984, 7.

16. Agradecemos igualmente ao Sr. Luís Ricardo Duarte, do *JL*.

17. João Isidro, *British Bar*. Fotografias de José Barbosa. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, “Lisboa Porta a Porta”, 13, 2001.

Rawes. Atente-se, por mais recentes, nos bares irlandeses existentes na zona, como o Hennessy's e o O'Gillins.

- Chiado/Trindade/Bairro Alto: Edifício de The Anglo-Portuguese Telephone Company, Ltd., na Rua Nova da Trindade, e Colégio dos Inglesinhos, estudado por Iolanda Ramos e Isabel Lousada nesta mesma Revista.¹⁸
- Rato/Estrela/Lapa: The British Council, Livraria Britânica, Cemitério inglês, British Hospital,¹⁹ Embaixada, Consulado, The Lisbon Players...

Além destes exemplos, seria, certamente, possível encontrar outros, mais dispersos no espaço e no tempo, como o Colégio do Bom Sucesso, na zona de Belém/Pedrouços, adjacente a um antigo convento irlandês, ou a Quinta dos Inglesinhos, em Telheiras/Carnide.

Em maior ou menor grau, todos estes projectos são também, de alguma forma, exercícios de memória. Por esse motivo, e embora dirigidas sobretudo às novas gerações de investigadores (JRAAS), ainda relativamente pouco sintonizadas com as potencialidades e os desafios dos Estudos Anglo-Portugueses, dedico estas notas, com inexprimíveis gratidão e saudade, à (memória da) Professora Doutora Maria Leonor Machado de Sousa.

18. "O Colégio dos Inglesinhos em Lisboa". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 4 (1995), 9-34.

19. A. H. Norris, *The British Hospital in Lisbon*. Lisbon: The British Historical Society of Portugal, 1983 (1973).